

## 7

### HOMEM, HERÓI, REI, MARIDO, PAI:

#### ATUALIZANDO A VOLTA DE ULISSES PARA CASA

Ulisses é o herói que luta para preservar sua memória. Diversos perigos que enfrenta (...) são uma alusão a esta questão. Daí ser ele o herói do *nóstos*, o herói do retorno. De *nóstos* nos vem "nostalgia", o desejo do regresso, não só físico (Ítaca), mas também psicológico. Este desejo é alimentado pelo não esquecimento, pela memória. Ligado a este aspecto está a questão da individualidade, que é a contrapartida de identidade. Em oposição à *Iliada*, epopéia coletiva e guerreira, a *Odisséia* é a aventura de um herói só, o que pode ser lido já como a do indivíduo, ou melhor, a aventura do homem na lenta e difícil conquista de um estágio de consciência não mais totalmente mítico.

Miriam Sutter

Para Lobato, havia apenas uma feiticeira comparável a Medéia: era Circe, a famosa feiticeira da *Odisséia*, a que transformava homens em porcos. Segundo o Professor Junito de Souza Brandão, pela tradição, Circe era filha de Hélio e Perseida, e irmã de Eetes, o rei da Cólquida. Ou seja: Circe era tia de Medéia por parte de pai. Na versão adotada por Lobato em *Os doze trabalhos de Hércules*, as duas feiticeiras eram irmãs, ambas filhas de Eetes. Emília, entusiasmada com as façanhas de Medéia, quis conhecer também a história da irmã. Na horinha em que desejou isto, apareceu o velho viajante de nome Minervino, sempre com o pé na estrada, indo para lá e para cá naquela Grécia heróica de tantas lendas. Exímio contador de histórias, ele tinha o estranho hábito de aparecer sempre que a turma do Picapau Amarelo começava a conversar sobre tantos deuses e heróis. Várias vezes, ajudou o Visconde de Sabugosa em suas narrativas sobre gregos e troianos. Santo Minervino, porque algumas intervenções de Emília levavam o pobre sabugo às raias da loucura. O mais desesperador é que a boneca não parava de perguntar; de uma história, ela puxava outra. Depois de saber tudinho de Medéia, quis saber de Circe e acabou conhecendo Ulisses e Penélope.

E eu também.

Aprendi com Monteiro Lobato sobre uma certa Guerra de Tróia, vencida pelos gregos graças a um ardil, e que aquele artiloso autor da idéia de um cavalo de madeira recheado de soldados foi quem mais demorou a voltar para casa.

A princípio, não me entusiasmei com a *Odisséia*, preferi a *Iliada*, queria conhecer Aquiles e seu famoso calcanhar. Lembro que imaginei Ulisses como um homem velho, alguém com mais de quarenta anos... Já Aquiles era jovem, bravo, furioso, invulnerável, invencível (ou quase). E me pareceu lógico buscar a história completa respeitando a ordem cronológica. Descobri então um livrinho de Nestor de Holanda, publicado pela editora Tecnoprint, atual Ediouro, chamado *A Guerra de Tróia*; era uma adaptação juvenil da *Iliada*. Li a seguir a *Eneida*, de Virgílio, em texto de Miécio Tati. Finalmente, semanas depois, chegou a hora da *Odisséia*, adaptada por Marques Rebelo. Eu não sabia na época, é claro, mas os três livros eram baseados no mesmo autor: Alfred J. Church.

Ao que parece, Church foi o Charles Lamb da segunda metade do século XIX. Professor e tradutor de grego e latim, produziu vários livros para a juventude britânica baseados na tradição clássica. Além de *Iliada*, *Odisséia* e *Eneida*, ele fez sucesso também com *Fábulas de Esopo* e *The Greek Tragedies* (1879), coletânea que continua em catálogo e, como o *Tales from Shakespeare* de Lamb, ainda tem boa adoção escolar nos países de língua inglesa.

As narrativas de Alfred Church serviram de base para as três adaptações da Tecnoprint/Ediouro. E Nestor de Holanda, Miécio Tati e Marques Rebelo nunca fizeram segredo disto. A informação está, inclusive, impressa com destaque nas folhas de rosto: "baseado na obra original de Alfred J. Church". Ainda que os três brasileiros afirmem ter consultado regularmente traduções dos textos canônicos enquanto estavam escrevendo.

Nestor de Holanda, em 1970, foi quem mais teceu elogios a Church:

Da adaptação de Alfred Church para a juventude inglesa, escrevi as páginas que se seguem. Embora fiel, o mais possível, ao mestre britânico, procurei ser mais fiel ainda ao original grego. Tive de recorrer ao último, e não poderia ser de outra maneira, a fim de extrair aspectos que, a meu ver, sensibilizam o leitor do Brasil. Porque, é óbvio, as preferências dos jovens ingleses, quando Church fez sua adaptação, não eram precisamente as mesmas de nossos jovens atuais. (...)

Creio ter transformado a *Iliada*, o célebre poema épico, talvez a mais fantástica narrativa de guerra de todos os tempos, num livro abrasileirado, mantendo, cuidadosamente, as passagens mais sensacionais e emocionantes do desenvolvimento da ação.

Em todos os países cultos, as obras clássicas têm sido facultadas aos moços. Isto se faz para atraí-los às leituras fundamentais da formação cultural de qualquer indivíduo. Faz-se, igualmente, a fim de prepará-los para as traduções literais daquelas obras. Haja vista o fato de Church, ainda no século passado [século XIX], ter destinado à mocidade inglesa diversos clássicos, inclusive a

*Iliada* e a *Odisséia*, de Homero, e a *Eneida*, de Virgílio. E vale a pena lembrar, a propósito, trecho do posfácio escrito por Clifton Fadiman para as adaptações que Church fez dos dois poemas de Homero: "O que acabaram de ler é simples relato de duas das maiores histórias jamais escritas. Algum dia, talvez dentro de poucos anos, vocês terão idade suficiente para lerem a *Iliada* e a *Odisséia* completas, em boa tradução. Não será difícil, posso afirmar."

Outro aspecto para o qual Fadiman, em seu posfácio, chama a atenção dos jovens é o dos nomes e expressões que nasceram no poema de Homero, tais como Calcanhar de Aquiles (razão da denominação anatômica Tendão de Aquiles), Cavalos de Tróia, Presente de Grego (...) <sup>1</sup>

A *Odisséia* é constituída por três grandes poemas distintos pelo assunto: o primeiro narra a viagem de Telêmaco, filho de Ulisses e Penélope, em busca de notícias do pai; o segundo, as peripécias do longo e fantástico regresso de Ulisses narradas pelo próprio (quebra da ordem cronológica); o terceiro, o extermínio dos pretendentes, que com o pretexto de casar com Penélope, supostamente viúva, dilapidavam o patrimônio de Ulisses e desrespeitavam sua casa.

Charles Lamb, ao escrever *Adventures of Ulysses* (1809), reduziu a obra de Homero à sua fábula. Church também. É o mesmo padrão adotado por Roberto Lacerda em sua adaptação para a Série Reencontro da editora Scipione. Começa assim: "Ulisses reuniu os marinheiros da sua frota de doze naus e exortou-os a partir. Terminada a guerra, ansiava por pisar de novo o solo pátrio e abraçar os pais idosos, a esposa Penélope e Telêmaco, o filho que deixara ainda pequeno, lembranças que não se apagavam."<sup>2</sup> Segundo a folha de créditos, o livro de Lacerda é baseado em um texto francês de 1955, escrito por Victor Bérard.

O padrão hegemônico nas adaptações juvenis da *Odisséia*, entretanto, não segue Lamb nem Church. A maioria das narrativas começa mais ou menos pelo ponto em que Ulisses deixa a ninfa Calipso, depois de anos, e se lança ao mar numa jangada, naufraga, chega na terra dos feácios, é encontrado pela princesa Nausícaa, depois aceito na corte. Como está sendo bem tratado, vai ficando. O rei dos feácios até começa a pensar nele como genro... Pouco tempo depois, Ulisses, com sua própria voz, narra tudo que lhe aconteceu desde a partida de Tróia até aquele exato momento. Por fim, ele retorna em segredo a Ítaca para exterminar os pretendentes.

A adaptação de Marie-Thérèse Davidson, *Nos passos de Ulisses*, publicada pela editora Rocco, ilustra muito bem este padrão. O texto de abertura, o começo do livro, é assim:

Bem longe, lá no umbigo do mar, havia uma ilha selvagem e agradável. Era a ilha de Ogígia, o reino da deusa Calipso, a secreta. Sentada na entrada da sua caverna Calipso cantava enquanto tecia um pano delicado. Seu canto se misturava ao canto dos pássaros que povoavam as árvores, as quais exalavam perfumes inebriantes. A deusa das belas tranças parecia feliz: estava apaixonada e seu amado estava próximo.

Na outra ponta da ilha, sentado de frente para o mar de cor violeta, o nobre Ulisses, com a cabeça entre as mãos, chorava e soluçava. Ele pensava na sua fiel esposa Penélope, que devia estar à sua espera na ilha de Ítaca, e no filho Telêmaco, que ainda era um bebezinho quando partira para combater diante de Tróia e que agora devia ser um rapaz. Ele queria tanto revê-los!<sup>3</sup>

Ou seja: a angústia de Telêmaco, o desespero de Penélope, a casa invadida pelos pretendentes, verdadeiros parasitas, que consomem os recursos da família, comem, bebem, jogam, caçam, mentem, deitam com as escravas e ainda exigem que Penélope escolha logo um deles como novo marido, nada disto aparece. Só no final, quando Ulisses desembarca de volta em Ítaca.

Lamb e Church, Roberto Lacerda, Marques Rebelo e tantos outros devem ter pensado que jovens leitores estranhariam que um livro de aventuras começasse pela ausência do protagonista, e pelo respectivo drama causado por esta ausência.

Penso que eles estavam errados. Creio, portanto, que Ruth Rocha acerta ao seguir o relato de Homero e estruturar sua narrativa em três grandes partes, fiéis ao três poemas canônicos.

As peripécias de Ulisses são fantásticas, mas as de Simbad também, ora. Acontece que Ulisses não é Simbad. A importância da obra homérica não está nos seus aspectos mágicos. Digo isto porque o pai de Telêmaco é, de certa maneira, pai do que se convencionou chamar de Ocidente. Antes, as viagens cantadas pelos aedos eram todas rumo ao Oriente. Vide os Argonautas e a expedição a Tróia.

— E os Argonautas? Volte à história dos Argonautas — pediu Pedrinho.

— Ah, os Argonautas ainda fizeram mais, muito mais que Medéia, em suas famosas viagens do *Argos* — disse o Visconde de Sabugosa. — Mas não vou contar nada disso. Conteí o que conteí unicamente para mostrar quem eram esses famosos aventureiros.<sup>4</sup>

Em se tratando de emoção, aventura, traição, mistério e perigo, o tal de Oriente sempre teve fama e prestígio. Acredito que, em um passado distante e, infelizmente, esquecido, antes dos textos de Eurípides, Ésquilo, Ovídio e Sêneca, quando apenas o povo aqueu contava as peripécias dos heróis embarcados no

*Argos*, acompanhar a saga dos Argonautas deveria ser como, no século XX, ouvir um seriado radiofônico de aventuras extraordinárias. A cada noite, um herói se destacava e o grande líder, o capitão Jasão, estava lá, firme e forte, a mantê-los na rota certa, rumo à distante Cólquida.

O ardiloso Jasão viajou anos para o Oriente e trouxe Medéia. O também ardiloso Ulisses foi de Tróia para o Ocidente, ao encontro de Penélope. Ulisses voltou porque sua memória e identidade estavam no oeste, em Ítaca. Sua esposa, seu filho, seu pai, seu reino, suas propriedades, sua felicidade... a comida cozida, os bons modos e a civilização, tudo isto (e muito mais) estava à oeste de Tróia.

O discurso do Ocidente começa na *Odisséia*.

O solerte Ulisses teve outras mulheres durante sua jornada, gerou filhos com ninfas e estrangeiras, mas sua família era uma só: aquela que estava lá na ilha de Ítaca, terra de seus antepassados, terra do seu povo, a terra que deveria ser herdada e governada pelos seus descendentes. "Tanto é verdade que nada existe mais doce que a pátria e os genitores, por mais opulenta que seja a casa longínqua onde alguém vá morar separado dos pais."<sup>5</sup>

É bastante provável que a épica homérica tenha sido usada para "educar" a juventude grega, já na Antigüidade, sobre procedimentos sociais, deveres, rituais de guerra, normas de governo e comportamentos em família. A contínua recitação desses poemas ao longo dos séculos representou, para os gregos, coesão social e coesão étnica, continuidade e reforço de uma civilização.

Escrevo tudo isto para poder afirmar que a primeira parte da *Odisséia*, com as aflições de Penélope e Telêmaco, é indispensável; é nela que a trama ganha, de saída, densidade dramática e suspense. Ulisses está vivo? Onde? Que aconteceu com ele? Por que não retornou ainda? Retornará? E retornará a tempo de impedir que Penélope ceda a um dos pretendentes? Cortar a primeira parte é desnecessário e equivocado, pois empobrece demais a narrativa. Apesar de todas suas façanhas e ardis, Ulisses não seria o mesmo sem Penélope.

Emília, a Marquesa de Rabicó, tinha esta mesma percepção. Não que isto fosse favorável a Penélope. A boneca, como já vimos, preferia Medéia e Circe.

— Circe era possuidora de uma beleza sem-par (...) de modo que vivia atraindo heróis para a sua ilha. Mas assim que eles desembarcavam, ela os tocava com sua varinha mágica e os virava no que queria; leões, tigres, lobos... Quando de volta da Guerra de Tróia o navio de Ulisses aportou naquela ilha, a curiosidade de muitos companheiros do herói fez que eles fossem espiar a famosa feiticeira, e

Circe *zás!* transformou-os em porcos. (...) Mas um que escapou da triste sina foi contar tudo a Ulisses. Este Ulisses era o verdadeiro símbolo da habilidade humana e da astúcia. Ao saber da sorte dos companheiros, refletiu e tratou de aconselhar-se com Hermes, de quem era protegido. Hermes deu-lhe uma planta mágica que o defenderia de todos os sortilégios de Circe e instruiu-o de tudo quanto tinha a fazer. E lá vai Ulisses, muito fresco da vida, para o palácio de Circe. E tais e tantas fez com suas histórias e manhas que acabou enfeitando a feiticeira. A boba ficou perdidinha de amor por ele. Ora, quem ama nada nega ao objeto amado. Ulisses conseguiu que a feiticeira desvirasse os seus companheiros transformados em porcos. Voltaram a ser homens outra vez. Ulisses passou todo um ano na Ilha de Éa, enlevado na beleza de Circe; e depois, com muito jeitinho, conseguiu licença para dar um pulo até a Ilha de Ítaca...

— Eu sei! — disse Pedrinho. — Ítaca era a terra desse herói, onde morava a sua fiel esposa Penélope, sempre a fazer aquele bordado que não acabava mais.

— Por que não acabava mais? — quis saber Emília.

— Porque Penélope desmanchava de noite o pedaço feito de dia.

— E para que essa bobagem?

Pedrinho danou.

— Boba é você com tantas perguntas. Não sabe então a história de Penélope, que a vovó contou? Penélope era a fiel esposa de Ulisses, o qual havia ido com todos aqueles heróis de Homero para a famosa Guerra de Tróia, a qual durou dez anos. Terminada a guerra, levou Ulisses outros dez anos em viagens por mar e aventuras maravilhosas, antes de chegar à sua Ilha de Ítaca...

— Quê? Ora, e a pobre da Penélope passou todo esse tempo a esperá-lo? Mulher mais boba nunca vi!

— Ela era um símbolo de fidelidade conjugal.

— A boba número um é o que ela era! — berrou Emília. — Vinte anos a esperar um marido que não fazia outra coisa senão namorar todas as Circes do caminho! Ah, se fosse eu...<sup>6</sup>

Como percebeu Emília, Ulisses podia namorar as Circes pelo caminho, pois não tinha nada a temer. A grega Penélope representa fidelidade e paciência, mas também complacência. Medéia, não. Com ela era tudo ou nada, sem perdão. Ela representa a retaliação inexorável e impiedosa; sem limites. Talvez Penélope seja uma personificação do amor maduro, pleno e confiante. Talvez Medéia seja a paixão ainda jovem, exigente e egoísta.

Monteiro Lobato, pela sua narrativa em *Os doze trabalhos de Hércules* e os comentários de Emília, tinha muito mais simpatia pela temperamental Medéia do que pela benevolente Penélope.

Lobato, porém, fez Minervino começar a história por Circe, certo? E Circe ficou caidinha por Ulisses, que se aproveitou disto para salvar seus marinheiros. Sabendo primeiro das Circes de Ulisses, não havia mesmo como Emília "torcer" por Penélope. "Mulher mais boba nunca vi!"

Talvez se Minervino tivesse contado a história do jeito de Homero...

Mark Waid define a *Odisséia* como uma corrida contra o tempo. Não basta Ulisses voltar, ele tem de voltar a tempo de salvar sua casa e sua família. A fidelidade de Penélope é o principal fator de suspense da narrativa. Sim, ela é fiel, mas até quando? Ela está vivendo no limite, pode ceder a qualquer instante ou ser tomada a força por um dos pretendentes. Telêmaco não tem condições de proteger a mãe. Ele próprio, aliás, está prestes a ser emboscado e assassinado porque a mãe se recusa a aceitar a condição de viúva. Nem que seja para salvar o filho, a rainha terá de ceder e escolher novo marido. A situação é desesperadora. Só a volta de Ulisses pode restaurar a ordem e a segurança.<sup>7</sup>

Um importante diálogo entre Nestor de Gerenos e o príncipe Telêmaco, no qual o ancião dá conselhos ao jovem, ilustra bem a situação de pressão e corrida contra o tempo. Avisa Nestor que Telêmaco não deve mais ficar longe de Ítaca procurando em vão pelo pai, deve retornar imediatamente para junto de sua mãe. Conta-lhe a história de Clitemnestra, mulher de Agamenon, "que era honesta" e repelia Egisto, mas que "por fim, desígnios divinos a coagiram a ceder".<sup>8</sup>

Antes de prosseguir, peço ao leitor que tente se lembrar deste diálogo.

Continuemos.

As coisas terríveis que os pretendentes fazem ou ameaçam fazer contra mãe e filho são explicação e justificativa para a extrema violência que marca a terceira parte, desfecho da *Odisséia*. O adaptador que cortar no começo, terá de, necessariamente, cortar também no final, na terceira parte; ou Ulisses, em vez de justo vingador, será um carniceiro da pior espécie.

Roberto Lacerda, por exemplo, ao começar sua narrativa-fábula lá pela esquadra partindo de Tróia, omite depois aquelas ações cruéis de Ulisses contra servos e escravas após a chacina dos pretendentes. Marie-Thérèse Davidson, que começou seu texto pela alegria da apaixonada Calipso, também omite os castigos contra as servas infiéis e fecha sua história com o reencontro sexual de Ulisses e Penélope: "Assim que as servas acabaram de arrumar a grande cama, os esposos foram para o quarto e desfrutaram longamente das doces alegrias do amor. Depois cada um contou ao outro as provas pelas quais haviam passado. Suas pálpebras enfim se fecharam e adormeceram num sono tranqüilo. Muito, mas muito mais tarde, Atena liberou a Aurora para que ela devolvesse a luz do dia aos homens."<sup>9</sup> E acaba aí. Ponto final. Nada mais. A quase guerra contra os clãs dos pretendentes chacinados nem é mencionada.

Ora, a *Odisséia* ilustra uma mudança na organização social, a passagem de uma sociedade baseada no *génos* (clã) para uma mais familiar ou individualizada. Ulisses é um indivíduo que luta por sua família. Ao matar os pretendentes, desafia a antiga lei genística, ofende os clãs, e a guerra seria inevitável. Os deuses, porém, interferem a favor de Ulisses e impõem um juramento de paz. É um signo de uma nova ordem social, e já mais próxima das futuras cidades-estado.<sup>10</sup>

Ruth Rocha, por preservar a estrutura tradicional da obra clássica, pode, portanto, encerrar seu livro de acordo: os clãs atacam, Zeus e Atena interferem, e a deusa "fez que todos jurassem que, para o futuro, viveriam em paz".<sup>11</sup>

### 7.1 RUTH ROCHA, A LONGA JORNADA DE ULISSES E A ESPERA DE PENÉLOPE

*Ruth Rocha conta a Odisséia* é uma adaptação juvenil baseada na narrativa clássica atribuída a Homero, publicada pela Companhia das Letrinhas, tem cento e quatro páginas e muitas ilustrações informativas, inclusive coloridas. Trata-se de uma adaptação convencional, linear, que segue os padrões estabelecidos pela indústria para o mercado-escola; é uma narrativa-relato, cuidadosamente derivada da *story* tal como consagrada pela tradição.

Por que digo "cuidadosamente"? Porque Ruth Rocha não apenas respeitou a macroestrutura em três partes da obra como manteve os vinte e quatro cantos homéricos, resumindo cada um deles em um breve capítulo.

Desta sensata decisão, que constitui o maior acerto da adaptadora, também derivam seus pequenos erros; pois ao se concentrar em cortar, resumir e adaptar os cantos um a um, ela deixou algumas contradições e lacunas passarem para o texto final da obra. Nada que não possa ser corrigido em uma edição posterior, mas, de qualquer forma, são detalhes que um leitor atento percebe.

A fim de entender estes detalhes que não se encaixavam plenamente no enredo, fiz o cotejo da adaptação com o conteúdo integral da *Odisséia* usando a edição traduzida diretamente do grego por Jaime Bruna, publicada pela editora Cultrix (São Paulo, 2002).

Por exemplo, naquele importante e já mencionado diálogo entre Nestor e Telêmaco, o jovem recebe um conselho sobre a urgência de retornar para Ítaca, pois, sozinha, sua mãe poderia cair sob a influência de um daqueles pretendentes... Ruth Rocha escreveu assim: "Recomendou-lhe que voltasse para casa, para que

não acontecesse com ele o que tinha acontecido com Agamenon, assassinado por sua própria esposa e seu cúmplice Egisto."<sup>12</sup> Um conselho que não faz sentido. O fim de Agamenon, assassinado pela mulher infiel e pelo amante vil, não tinha como assombrar Telêmaco, que era solteiro.

Ora, o que houve foi um longo corte nas histórias sem fim que o velho e sábio Nestor contava, inclusive aquela sobre como a "honeste e virtuosa" esposa de Agamenon foi seduzida por Egisto e as terríveis desgraças que ocorreram por conta disto. Nesta história complicadíssima que Nestor contou, e Ruth suprimiu, Clitemnestra fora fiel por anos e anos, até que, aos poucos, foi se envolvendo e cedendo às investidas do seu futuro amante. O ancião acreditava que era questão de tempo até acontecer o mesmo com Penélope.

Outras passagens do livro também ficaram prejudicadas pelo processo de resumir e cortar ter se dado canto a canto, de forma segmentada.

Como todos os adaptadores, Ruth Rocha usou confluções para simplificar e agilizar a narrativa. Antínoo e Anfinomo, por exemplo, eram dois pretendentes; o primeiro era o líder do grupo, um malvado, o vilão em pessoa, e o segundo não era assim de todo mau, foi até gentil e educado com Ulisses quando este estava disfarçado de mendigo. Percebendo que Anfinomo, no fundo, era bom sujeito, Ulisses lhe dá um conselho: vá embora logo porque o dono da casa está voltando e "não creio que ele e os pretendentes se apartem sem sangue, quando ele penetrar sob o seu teto".<sup>13</sup> Está na tradição. Anfinomo, porém, ignorou o conselho e ficou, para morrer pela lança de Telêmaco na hora da chacina.

Na sua adaptação, Ruth reduziu o número excessivo de cenas envolvendo diferentes pretendentes, muitos com nomes complicados e parecidos, por meio da técnica da conflução: Antínoo, de líder mau, passou a personificação máxima dos pretendentes. Assim sendo, Anfinomo não existe na atualização, e quem recebe a recomendação de ir embora para se salvar da fúria vingadora de Ulisses é o vilão Antínoo. "Mas Antínoo não partiu. E não escapou de seu destino!"<sup>14</sup>

Uma conflução que, a meu ver, não funciona. A cena em si mostra Ulisses como um homem sensato e justo, que retribui gentileza com gentileza. Tem a ver com o que os gregos antigos chamavam de *dom* e *contra-dom*, com um certo ritual de retribuição. Anfinomo deu dois pães frescos ao disfarçado Ulisses e ergueu a ele um brinde com taça de outro; tratou um rei, mesmo vestido como mendigo, com honra e respeito, e ainda lhe desejou sorte e prosperidade para um dia escapar

daquela condição de pobreza. O que fez Antínoo na mesma cena? Jogou para o "mendigo" um grande bucho recheado de gordura e sangue.

Considerando-se apenas o canto XVIII, o erro desta confluência não é grave, nem mesmo chega a ser um erro. Mas lendo-se a narrativa completa...

Outra passagem em que há certo conflito entre o texto adaptado e a lógica do enredo é a famosa prova do arco, na qual Ulisses se revela. Parece bobagem, mas ao escrever que Penélope "iria propor aos pretendentes uma competição com as achas, armas que eram parecidas com um machado" e que a rainha iria alinhar doze achas para que cada um dos pretendentes tentasse, usando o arco de Ulisses, "varar todas as achas com uma só flecha"<sup>15</sup>, a adaptadora propôs uma competição impossível. Pergunto: o que fez exatamente Ulisses quando, após curvar e armar o arco, "desfechou a seta certa contra as achas enfileiradas por Telêmaco e varou-as todas de uma só vez"?<sup>16</sup>

Ulisses teria de ter a força de Hércules e uma flecha mágica confeccionada por Heféstos para conseguir varar o metal de doze achas. É impossível.

Acontece, porém, que a prova não era de força; era de habilidade.

Antes de armar o arco, o solerte Ulisses o examinou com cuidado, só então "tão facilmente como uma pessoa conhecedora da lira e do canto retesa uma corda enrolada numa cravelha nova, prendendo ambas as pontas da bem torcida tripa de ovelha, armou Odisseu sem esforço o grande arco; tomou a corda com a mão direita e experimentou-a; ela cantou bonito; parecia a voz duma andorinha."<sup>17</sup>

Os pretendentes fizeram força. Ulisses, não; sabia o jeito certo de fazer.

E embora a rainha Penélope tenha repetido a expressão "quem varar as doze achas" inúmeras vezes, foi Telêmaco quem preparou tudo para a prova e foi ele quem explicou aos pretendentes qual o objetivo: "varar com a seta o olho das achas"<sup>18</sup>. O olho da acha é aquele buraco onde a lâmina (acha-de-guerra) encaixa no cabo de madeira. Além de conhecer os macetes do arco, era preciso pontaria.

Centenas de episódios são mencionados nos diálogos da *Odisséia*. É lógico e natural cortar os que não têm a ver diretamente com a ação principal do canto ou capítulo. É preciso, sim, fazer o diálogo ir direto ao ponto para manter a atenção do leitor. Mas quando se corta tanto, há o risco de cortar uma ou outra informação relevante para uma cena ou diálogo posterior.

Na verdade, o que faltou foi um prazo mais longo para a adaptadora poder trabalhar, incluindo tempo para reler com calma e distanciamento sua adaptação.

Escritores brasileiros não costumam usar os profissionais chamados editores de texto para acompanhar e criticar o trabalho ainda em desenvolvimento, um procedimento bastante comum no mercado internacional quando os prazos são apertados. É como se houvesse um *advogado do diabo* lendo tudo e procurando erros ou contradições na obra, no seu texto final.

Trabalhando sozinho, sem apoio, e sem tempo para reler com calma e a devida isenção aquilo que escreveu, a probabilidade de o autor errar passa a ser muito alta. Quando o prazo de entrega é folgado, o escritor geralmente deixa o seu texto descansar numa gaveta por uns bons meses, depois relê. Fazendo assim, ele enxerga tudo que precisa ser corrigido ou melhorado. Relendo dias ou semanas depois de ter escrito, não consegue ser suficientemente crítico.

Os cortes de Ruth são muitos e profundos, e revelam sua preocupação com o ritmo da narrativa. Ela quer garantir ao leitor o prazer da leitura, inclusive nas cenas capitais, por isso não tenta fugir de passagens polêmicas, mas amenizá-las. Em cenas fortes, de sexo ou violência, ela opta pela discrição. Como também fez a outra filha de Lobato, Ana Maria Machado, em *O rei Artur*.

Onde Ruth Rocha corta por censura, creio, é por respeito aos valores éticos e morais que nossa sociedade atribui a um herói. Na sua atualização da *Odisséia*, Ulisses, homem de família, homem justo, não vai fazendo e abandonando filhos pelo caminho. Nem se gaba de saquear cidades, queimar casas, matar homens, "trazendo da povoação suas esposas e copiosas riquezas".<sup>19</sup> Como justificar para os leitores adolescentes um "herói" que considera as esposas dos inimigos como presas de guerra? Que saqueia cidades só porque precisa de recursos para sua viagem? Que acredita que seus marujos precisam de fêmeas para estuprar tanto quanto de víveres? Não, este outro Ulisses não pode e não deve aparecer. Assim como aquele grande rei da Inglaterra, exemplo para o mundo inteiro, que não podia ser um assassino de crianças recém-nascidas.

Vejamos o Ulisses que permaneceu.

Ulisses contou então sua história.

Contou que era Ulisses, filho de Laertes e rei da ilha de Ítaca, aquela que se avista de longe. Contou como lutou em Tróia, ao lado do exército grego. E como, quando deixou Tróia, com seus homens e seus navios, foi aportar no país dos cícones, em Ísmaros. Para falar a verdade, os homens de Ulisses, que vinham da guerra, ainda tinham vontade de lutar e foram logo atacando as cidades do cícones, que estavam sem defesa. Só que depois de algumas vitórias e de terem

saqueado algumas populações, a sorte mudou e eles foram derrotados; muitos soldados morreram e eles tiveram que fugir nos seus navios.<sup>20</sup>

Na adaptação, ora, eram os homens de Ulisses que "ainda tinham vontade de lutar". E apesar de eles terem "saqueado algumas populações", nada se lê sobre tomar "esposas e riquezas". Nem se ouve a voz do herói contando vantagem.

Ah, é verdade. Não se ouve a voz de Ulisses...

A primeira e a terceira partes da *Odisséia* são narradas na terceira pessoa. É a voz do aedo quem conta a história. Na segunda parte, entretanto, a narrativa é toda em primeira pessoa, pois o próprio Ulisses, a seu modo, cheio de vaidade, é quem toma a palavra e descreve suas façanhas e astúcias para o rei dos feácios.

Aliás, tratando-se de um mentiroso compulsivo e tão fanfarrão, não seria ilegítimo supor que Ulisses inventou tantas peripécias ali, naquela hora, para se exhibir. Ele seria capaz disto. Vá lá que Zeus, Atena e Hermes possam testemunhar a seu favor. Mas imaginar que ele mentiu é uma idéia muito atraente.

Enfim, o fato é que Ruth Rocha não deu a palavra a Ulisses. Sua *Odisseia* é construída totalmente na terceira pessoa, mantendo os mesmos ritmo, estilo e linguagem do início ao fim. Fazer deste modo lhe permite, inclusive, esclarecer alguns tópicos ao aluno-leitor dentro do próprio corpo do seu texto. Por exemplo, quando Ulisses vai ao Hades, a narradora explica que "os gregos acreditavam num inferno diferente do nosso. Para a morada de Hades iam todas as pessoas que morriam e não só as pessoas más".<sup>21</sup>

E mesmo não dando a palavra a Ulisses, Ruth o mantém como focalizador da narrativa, ou seja: é do ponto de vista dele que os fatos chegam ao leitor. Mieke Bal diria que Ruth Rocha narra e Ulisses focaliza. Quando uma história é contada na terceira pessoa, mas pelos olhos de um personagem específico, a narratologia considera que houve uma **focalização**, um truque que pode exigir muita perícia. Bal analisa este recurso literário, que algumas vezes pode ser bastante sofisticado, em diferentes livros, destacando as experiências radicais de Henry James.<sup>22</sup>

Mencionei antes a discrição de Ruth nas cenas mais fortes. Agora vejamos um exemplo disto em uma cena delicada, pois envolve trapaça, ameaça de morte e barganha sexual, aquela em que Ulisses vai ao encontro de Circe para salvar seus camaradas transformados em porcos. Vejamos como era na tradição homérica:

— Aonde vais tu de novo, desventurado, sem companhia, ao longo destes cômodos, em país desconhecido? Aqueles teus companheiros estão enchiqueirados em casa de Circe como porcos, aboletados em apertadas pocilgas. Acaso vens aqui para soltá-los? Tu mesmo, asseguro-te, não voltarás; ficarás também tu com os outros. Eia, porém, eu te quero livrar e preservar do perigo. Toma e leva contigo à casa de Circe esta droga benéfica; ela arredará de tua cabeça o dia funesto. Vou-te revelar todos os planos malignos de Circe. Ela te preparará uma papa e deitará drogas no prato; não lhe será possível enfeitiçar-te assim, porque o impedirá a droga benéfica que te vou dar. Serei minucioso; quando Circe quiser tanger-te com sua longa vara, tu sacas de junto da coxa o gládio aguçado e remete-a como se tencionasses matá-la. Circe, amedrontada, te convidará a deitar com ela. Tu, então, daí por diante, nada de recusares o leito da deusa, a fim de que liberte os teus companheiros e te dê gasalhado; exige, porém, dela o grande juramento dos bem-aventurados de como não planeará contra tua pessoa nenhuma nova maldade, que bem pode, quando te vir sem armas, fazer de ti um covarde e emasculado. (...) <sup>23</sup>

Ela [Circe], com um forte grito, caiu enlaçando-me os joelhos e, entre lamentos, me disse aladas palavras:

— Quem és? De que lugar no mundo? (..) Tu deves ser Odisseu, o engeloso (...) Eia, porém, embainha teu gládio e subamos em seguida na cama, a fim de que, unidos no leito de amor, criemos confiança um no outro.

Assim falou ela, mas eu lhe disse em resposta:

— Ó Circe, como podes esperar ternura em mim, se em teus salões mudaste em porcos os meus camaradas e a mim mesmo recebes aqui com propósitos dolosos? Convidas-me a tua alcova e a subir em teu leito, mas tencionas, quando me vires sem armas, fazer de mim um covarde e emasculado? Eu não estou disposto a subir em teu leito a não ser que ouses, ó deidade, proferir o grande juramento de como não planeárs nenhuma outra maldade contra minha pessoa. <sup>24</sup>

Agora, vejamos como ficou a mesma passagem recontada por Ruth Rocha:

— A feiticeira vai te servir uma bebida maléfica. Mas vou te dar esta erva, que deves comer antes de entrar no palácio; ela vai te proteger contra os efeitos da beberagem. Depois Circe vai te tocar com sua varinha. Saca tua espada e ameaça matá-la. Circe vai convidar-te a partilhar seu leito. A uma deusa não se pode recusar esse pedido. Mas podes obrigá-la a prometer que soltará teus companheiros e os libertará dos encantamentos que lançou sobre eles. Também deves fazê-la prometer que não te fará nenhum mal enquanto dormires a seu lado, pois ela pretende privar-te de tua virilidade. (...) <sup>25</sup>

Ulisses desembainhou a espada e investiu contra a feiticeira, como se fosse matá-la. Amedrontada, ela abraçou-se a seus joelhos e começou a perguntar quem ele era e de onde vinha, e até convidou-o para ir ao seu leito, porque assim poderiam confiar um no outro.

Ulisses respondeu:

— Como podes querer que eu seja amável contigo, quando transformaste meus amigos em porcos e estás tramando fazer comigo uma maldade se eu for contigo para o teu leito? Só farei tua vontade se jurares não me fazer mal e libertar meus amigos do encanto que os transformou em porcos. <sup>26</sup>

Também nas cenas finais, carregadas de violência e crueldade, quando há a punição das doze escravas infiéis e do traiçoeiro Melântio, a adaptadora tentou contar tudo (ou quase tudo), mas sendo discreta.

Ruth Rocha escreveu assim:

Como abutres que se abatem sobre as aves e as destroem, assim Ulisses e os companheiros lançaram-se sobre os inimigos restantes. Alguns deles pediram misericórdia, mas Ulisses atendeu apenas a Líodes, o aedo, e a Medonte, o arauto, a pedido de Telêmaco, e mandou que se abrigassem junto ao altar de Zeus. Quando Ulisses convenceu-se de que estavam todos mortos, mandou chamar Euricléia.

Ulisses parecia um leão que tivesse acabado de matar um boi no campo, todo borrifado de sangue, da cabeça aos pés.

A velha começou a dar grandes demonstrações de alegria por ver mortos os inimigos do seu amo. Mas Ulisses pediu-lhe que se calasse, pois, disse ele, não era correto festejar a morte das pessoas. E pediu-lhe também que indicasse quais as escravas que haviam desrespeitado sua casa e sua esposa.

Mandou chamar essas escravas e deu instruções a Telêmaco para que, ajudado por Eumeu e Filécio e ainda pelas mulheres, tirassem os cadáveres da sala e limpassem tudo. Ordenou que depois as mulheres fossem levadas para fora e mortas, juntamente com Melântio.

Então defumou o grande salão com enxofre e mandou chamar Penélope e as criadas fiéis.<sup>27</sup>

Na tradição canônica, esta seqüência de punição aos inimigos e traidores é muito mais longa e detalhada, com algumas diferenças de conteúdo. Trata-se de uma chacina para valer, descrita em gritos de horror e sons das cabeças quebradas; com imagens diversas evocando a natureza selvagem. Uma hora Ulisses é abutre, outra leão. Mas sempre um predador sanguinário, do qual ninguém escapa.

Terminada a caçada, vem o acerto de contas com aqueles, principalmente aquelas, que não se comportaram de forma digna e fiel à família do rei. As servas enforcadas haviam se deitado com pretendentes, debochado do jovem Telêmaco, dito desaforos para Penélope ou sido malcriadas com a velha ama Euricléia. Elas não aceitavam mais a autoridade de Ulisses ou de seus familiares, enxergavam o poder de fato representado pela horda dos invasores, os pretendentes. As escravas barganhavam com eles, ou prestavam favores sexuais, em busca de vantagens. Tanto quanto os invasores, faziam de Penélope uma refém em sua própria casa.

Mas, contrariando as expectativas, o rei voltou.

Quando abutres de garras aduncas e bicos recurvos baixam dos montes e remetem às aves, umas se precipitam apavoradas nas redes armadas no campo; outras, eles, arrojando-se, agarram; não há defesa nem fuga possível, e os homens

se rejubilam com a caçada; assim investiram eles [Ulisses e seus companheiros] sobre os pretendentes pela sala, golpeando-os de todos os lados; gemidos horríveis se erguiam a cada cabeça atingida e o chão todo fumava de sangue.

Liodes arrojou-se aos joelhos de Odisseu, agarrou-os e, suplicando, proferiu aladas palavras:

— Peço-te, Odisseu, por teus joelhos, não abuses de mim (...)

Olhando-o de soslaio, disse o solerte Odisseu:

— Se deveras te prezas de ter sido o seu sacerdote, deves terorado muitas vezes nos salões a fim de arredar para longe de mim a realização de meu feliz regresso, e por que minha querida esposa te acompanhasse e te desse filhos; por isso não escaparás a um morte cruel.

Com essas palavras, passou a robusta mão numa espada caída, que, ao morrer, Agelau largara no chão, e com ela o golpeou em pleno pescoço. Liodes ainda estava falando, quando a cabeça rolou no pó.

Fêmio, o aedo, filho de Terpes, que era constringido a cantar entre os pretendentes, ainda procurava escapar a um negro destino. Parou junto do fenestral, segurando a harmoniosa lira; sua mente hesitava entre esgueirar-se para fora do salão e ir sentar ao pé do bem construído altar do grande Zeus do Lar, onde Laertes e Odisseu haviam queimado incontáveis quartos de bois, ou arrojarse suplicante aos joelhos de Odisseu. Refletindo, pareceu-lhe melhor partido abraçar-se aos joelhos de Odisseu (...)

— Peço-te, Odisseu (...) não queira degolar-me. Talvez Telêmaco, teu amado filho, possa confirmar que não era por meu gosto, nem por meu desejo, que eu vinha a tua casa cantar para os pretendentes em seus festins; eles, muito mais numerosos e fortes, traziam-me à força.

Assim falou ele. Sua alteza o príncipe Telêmaco ouviu-o e logo disse ao pai, que perto estava:

— Tem-te e não firas com o bronze este homem sem culpa; poupemos também a Medonte, o arauto, que sempre cuidou de mim quando criança (...)

— Bem, deixai o salão [Medonte] e ide sentar-vos fora no pátio, longe da chacina, tu e o aedo [Fêmio] de muitos cantares, até que eu tenha concluído a tarefa que devo neste solar.

Assim falou ele. Os dois caminharam para fora do salão e sentaram-se ao pé do altar do grande Zeus, a olhar para todos os lados, sempre na expectativa da morte.

Odisseu também relanceou os olhos pela casa, a ver se ainda vivia algum dos homens, escondido para evitar o negro destino. Achou-os, porém, todos sem exceção caídos no sangue e no pó, apesar de inúmeros. (...)

Um leão que vem de devorar um boi campestre traz todo o peito e ambas as faces cobertos de sangue, figura terrível de ver; assim estava Odisseu, borrifado desde os pés até os braços em cima. Quando ela [Euricléia] viu os cadáveres e o sangue copioso aprestou-se para erguer um alarido celebrando o grande feito que via, mas Odisseu a impediu, contendo o seu arroubo, e dirigiu-lhe aladas palavras:

— Alegra-te em teu íntimo, anciã, mas tem-te e não ergas alarido; é pecado festejar a matança de homens. Pelo destino ditado pelos deuses e por suas obras vis é que eles foram derrubados; não respeitavam sobre a terra homem algum que os procurasse, do povo ou nobre; por isso e também por seus desatinos, encontraram morte ignominiosa. Eia, porém, enumera-me quais mulheres da casa me desonram e quais são inocentes (...)

Assim falou ele; a velha atravessou a sala e saiu a dar ordens às mulheres e apressá-las a vir. Entrementes, Odisseu chamou para junto de si Telêmaco, o vaqueiro e o porcação e disse-lhe aladas palavras.

— Começai agora a remover os corpos, pedindo ajuda às mulheres (...) Quando tiverdes posto em ordem a casa toda, levai as servas para fora do bem

construído salão, entre o celeiro e a impecável cerca do pátio, e golpeai-as com espadas pontiagudas, até que a todas tenhais tirado, com a vida, a lembrança dos amores que desfrutavam entregando-se às escondidas aos pretendentes. (...)

Depois de porem todo o salão em ordem, levaram as servas fora da bem construída mansão, entre o celeiro e a impecável cerca do pátio, acuraram-nas num lugar estreito, donde não podiam de modo nenhum evadir-se. Nisso, o ajuizado Telêmaco pôs-se a falar:

— Não seja de maneira honrosa que eu tire a vida a essas que lançaram ignomínia sobre minha cabeça e minha mãe, dormindo com os pretendentes.

Com estas palavras, prendeu numa alta coluna o calabre de um barco de escura proa, enrolou-o no celeiro, esticando-o bem alto, para que nenhuma alcançasse o chão com os pés.

Como tordos de longas asas ou pombos, que se precipitassem numa rede armada no mato, e, em vez do ninho que buscavam, um leito de morte os recebesse, assim se alinhavam suas cabeças, todas com um laço no pescoço, para que tivessem morte mais mesquinha. Esperneavam algum tempo, não muito longo.

Foram buscar Melântio para o vestíbulo do pátio; cortaram-lhe com o bronze impiedoso o nariz e as orelhas, arrancaram-lhe os órgãos do sexo, para os cães comerem crus, e deceparam-lhe mãos e pés, com fúria no coração. Após isso, foram lavar os pés e as mãos e vieram juntar-se a Odisseu dentro de casa; o trabalho estava concluído.<sup>28</sup>

Repare o leitor que Liodes não era o aedo, que foi de fato poupado, este se chamava Fêmio. Liodes era um dos pretendentes de Penélope, decapitado sem dó nem piedade; "ainda estava falando" e implorando quando sua cabeça cortada de um só golpe rolou no chão. Uma pequena confusão?

O importante aqui é o tipo de "justiça" que o rei e o príncipe praticaram, os requintes de crueldade e de humilhação, que, em última instância, eram formas de restabelecerem a autoridade e o controle sobre aquela casa. E os "acusados" não tiveram nem a chance de dizer alguma coisa, qualquer coisa, para se defenderem.

Na questão 9 do questionário 2 da pesquisa de campo sobre a *Odisséia*, os alunos do Colégio Santo Inácio fizeram uma interessante avaliação da "justiça" de Ulisses, considerando, claro, o exposto na adaptação de Ruth Rocha.

## 7.2 LENDO A ODISSÉIA: UM ESTUDO DE CASO

Minha pesquisa de campo sobre *Ruth Rocha conta a Odisséia* foi realizada no segundo semestre de 2004. Graças à Prof<sup>a</sup>. Leila Hauat Valente, tive acesso à turma 72 da sétima série do ensino fundamental do Santo Inácio (faixa etária: 13, 14 anos). E, como na pesquisa de campo anterior, todos os estudantes foram

voluntários, nada lucraram além da adaptação que cada um ganhou. Não estavam obrigados a ler o livro nem a responder os questionários.

Repeti a metodologia de trabalho empregada antes com *O rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda* (ver capítulo 6). Motivei os alunos falando sobre mitologia grega e suas relações com a cultura ocidental. Em momento nenhum, garanto, forneci informações objetivas que eles pudessem usar para responder o questionário 1 (aplicado no dia em que distribuí os exemplares da adaptação, antes que tivessem acesso aos livros) ou o questionário 2 (aplicado após a leitura).

O questionário 1 sobre *Ruth Rocha conta a Odisséia* foi estruturado em duas partes: cinco questões discursivas e outras cinco de múltipla-escolha. Trinta e sete alunos o responderam antes de ler a adaptação. Já o questionário 2 foi todo discursivo, com nove perguntas que só poderiam ser respondidas corretamente após a leitura atenta do livro. Ambos os questionários exigiam a identificação do aluno e sua idade.

A fim de poder analisar e quantificar as repostas das questões discursivas, repeti aquela estratégia metodológica de identificar os tópicos mais frequentes. Por exemplo, se uma leitora escreveu no questionário 1 que "Helena foi raptada por Páris e levada para Tróia, os gregos atacaram os troianos e dez anos depois usaram um cavalo de madeira como truque para invadir a cidade e ganhar a guerra", posso afirmar que esta aluna fez citações a três tópicos básicos: "o rapto de Helena", "a guerra dos gregos contra os troianos" e "cavalo de madeira como estratégia ou armadilha".

Tópicos como "guerra entre gregos e troianos" ou "gregos cercaram e atacaram Tróia" podem ser resumidos no elemento "guerra". Citações a "Helena largou o marido e fugiu com Páris", "Páris raptou a princesa", "Páris e Helena se apaixonaram e fugiram para Tróia" podem ser resumidas no elemento de enredo "rapto de Helena". Listando os elementos de enredo mais citados pelos leitores, temos, como na primeira pesquisa de campo, um padrão passível de análise.

Por exemplo, se catorze alunos responderam que a Guerra de Tróia tinha a ver com o "rapto de Helena" e apenas quatro que tinha a ver com "Guerra muito antiga com Esparta", então o elemento "Helena", citado mais vezes, pode ser considerado hierarquicamente superior ao elemento "Esparta" na recepção dos leitores. Contar o número de citações espontâneas permite, portanto, quantificar o que permaneceu na lembrança dos leitores.

Na página a seguir, apresento uma reprodução do questionário 1 sobre a *Odisséia* recontada por Ruth Rocha, sendo que as opções destacadas em negrito assinalam as respostas consideradas certas para as perguntas de múltipla-escolha.

---

## QUESTIONÁRIO 1: A ODISSÉIA

Seu nome: ..... Sua idade: .....

Por favor, responda às perguntas abaixo. Não tenha medo de errar, mas seja sincero em suas respostas. Evite questões em branco. Se for inevitável, escreva "não sei".

1. O que você sabe sobre a Guerra de Tróia?
  2. Quem teve a idéia do Cavalo de Tróia?
  3. Você conhece algum livro ou filme sobre Ulisses? Qual?
  4. Você já ouviu falar em Penélope? Sabe quem era ela?
  5. Você assistiu ao filme *Tróia*? ( ) Sim ( ) Não  
Gostou do filme? ( ) Sim ( ) Não
  6. Após a guerra, quantos anos Ulisses demorou para voltar para casa?  
a) 1 ano                      **b) 10 anos**                      c) 20 anos                      d) Não voltou
  7. Qual dessas criaturas Ulisses encontrou na sua longa viagem?  
a) O Ciclope                      b) As Sereias                      c) Circe, a feiticeira                      **d) Todas elas**
  8. Quem é o autor da saga de Ulisses voltando para sua terra natal, a ilha de Ítaca?  
**a) Homero**                      b) Platão                      c) Aristóteles                      d) Odisseus
  9. O que fez a bela esposa de Ulisses enquanto o grande herói estava fora?  
a) Fugiu                      b) Esqueceu dele                      c) Casou com outro  
**d) Esperou seu retorno**
  10. O termo "odisséia" está nos dicionários. Diga você, com suas palavras, o que é uma odisséia:
-

Diante da primeira pergunta (*O que você sabe sobre a Guerra de Tróia?*), os elementos de enredo mais lembrados e citados pelos trinta e sete alunos foram:

Cavalo de madeira, armadilha	16 citações
Gregos contra troianos	15 citações
Rapto de Helena	14 citações
Guerra muito antiga	4 citações
Nada	4 citações
Uma mulher fugiu para Tróia	3 citações
Tinha um maluquinho chamado Aquiles	1 citação

Como o aluno podia citar diferentes tópicos em sua resposta, o número de citações foi além da marca de trinta e sete. Sem problemas, o relevante é conhecer a noção prévia que os estudantes já carregavam desde antes da leitura do livro de Ruth Rocha. Separei a resposta "Uma mulher fugiu para Tróia" do tópico "Rapto de Helena" por considerar que são noções distintas entre si. E o curioso "Tinha um maluquinho chamado Aquiles" merecia constar em separado, não?

Já na segunda questão (*Quem teve a idéia do Cavalo de Tróia?*), os alunos responderam da seguinte maneira:

Ulisses	27 citações
Não sei	4 citações
Um amigo de Aquiles	3 citações
Rei Menelau	3 citações

Considero que as improváveis citações ao "rei Menelau" e a "um amigo de Aquiles" claramente refletem vagas lembranças de quem assistiu ao filme *Tróia*, dirigido por Wolfgang Petersen (EUA, 2004). E, embora seja um impressionante espetáculo visual, *Tróia* nem tentou ser uma transposição da *Iliada* para as telas.

Na terceira (*Você conhece algum livro ou filme sobre Ulisses? Qual?*):

Não, nenhum	17 citações
Sim, o livro <i>A Odisséia</i>	12 citações
Sim, o filme <i>Tróia</i>	9 citações
Sim, o livro <i>A Iliada</i>	2 citações
Sim, um livro de Monteiro Lobato	1 citação

Na quarta questão (*Você ouviu falar em Penélope? Sabe quem era ela?*):

Não, não sei.	17 citações
Sim, era a mulher de Ulisses	15 citações
Sim ouvi, mas não sei quem ela era	4 citações
Sim, ela foi a causa da Guerra de Tróia	1 citação

Na quinta questão (*Você assistiu ao filme Tróia? Gostou do filme?*):

Sim, gostei	21 citações
Não assisti	16 citações
Sim, mas não gostei	0 citação

Na sexta questão (*Após a guerra, quantos anos Ulisses demorou para voltar para casa?*), fiquei com a impressão que a maioria não leu direito a pergunta. Creio que podemos entender que boa parte desse grupo majoritário já tinha ouvido falar que Ulisses ficou fora de casa durante vinte anos...

20 anos	21 citações
10 anos	14 citações
Não voltou	2 citações
1 ano	0 citação

Na sétima (*Qual dessas criaturas Ulisses encontrou na sua longa viagem?*):

Todas elas	27 citações
O Ciclope	6 citações
As Sereias	6 citações
Circe, a feiticeira	0 citação

Na oitava questão (*Quem é o autor da saga de Ulisses voltando para sua terra natal?*), felizmente, não houve nenhuma surpresa:

Homero	28 citações
Aristóteles	6 citações
Odisseus	2 citações
Platão	1 citação

Na nona questão (*O que fez a esposa de Ulisses enquanto o grande herói estava fora?*), temos o previsível:

Esperou seu retorno	30 citações
Casou com outro	6 citações
Fugiu	1 citação
Esqueceu dele	0 citação

A décima e última questão (*Diga com suas palavras o que é uma odisséia*) pedia novamente uma resposta discursiva e os tópicos mais citados foram:

Não sei	18 citações
Período de uma viagem	11 citações
Coisa espetacular, extraordinária	4 citações
Grande acontecimento	2 citações
Longa jornada com muitos desafios	1 citação
Volta de Ulisses para casa	1 citação

Após a aplicação desse primeiro questionário, os alunos da turma 72 tiveram três semanas para ler com calma a adaptação de Ruth Rocha. Na data marcada, eles responderam o segundo questionário, em horário escolar, na sala de aula, em minha presença.

Das nove perguntas que os estudantes tinham de responder, quatro exigiam respostas específicas, extraídas da leitura realizada. Bastava ter lido o livro para responder corretamente. As questões 1, 2, 3 e 4, portanto, serviam principalmente para fazer esta verificação de leitura, confirmar quem leu de fato. Já as questões 5, 6, 7, 8 e 9 exigiam interpretação e permitiam aos leitores expressar suas opiniões com total liberdade. Estas cinco questões livres são as relevantes.

A questão 9, para mim, era a mais importante, era o julgamento de Ulisses.

A seguir, a reprodução do questionário 2.

---

## QUESTIONÁRIO 2: RUTH ROCHA CONTA A ODISSÉIA

Seu nome: ..... Sua idade: .....

Responda com base na adaptação escrita por Ruth Rocha sobre as aventuras de Ulisses.

1. “Poseidon, não deixes que Ulisses jamais consiga voltar à sua terra. Mas, se voltar, que leve muito tempo. Que ele perca todos os seus homens, chegue em navio estranho e encontre sua casa ameaçada por muitos problemas.” E foi assim mesmo que aconteceu. Agora diga, quem rogou tamanha praga contra Ulisses? O que aconteceu para o herói grego ser alvo de tanta raiva?
  2. Quem era Circe e quais eram as duas maldades que ela planejou contra Ulisses?
  3. Qual o truque da rainha Penélope para ganhar tempo e adiar a escolha de um novo marido?
  4. Conte com suas palavras como foi o episódio de Ulisses com as sereias.
  5. Na página 24, Nestor dá um conselho a Telêmaco. Que conselho foi esse?
  6. Na página 79, Ulisses, ainda disfarçado de mendigo, recomenda a Antínoo que vá embora, porque o dono da casa estava voltando e sua vingança contra os invasores seria tremenda. Como você explica esse ato de Ulisses? Antínoo merecia essa camaradagem?
  7. Na página 84, qual era exatamente a prova proposta por Penélope? Você entendeu qual era o desafio de varar doze achas com uma só flecha?
  8. Usando suas próprias palavras, explique porque Ulisses nunca desistiu de voltar para casa. Afinal, ele ficou tanto tempo longe, sem notícias de Ítaca e de sua esposa, e teve até algumas oportunidades de ficar bem em outros lugares. Por que, apesar das dificuldades, Ulisses queria tanto voltar?
  9. Na página 96, Ruth Rocha nos conta que, após exterminar todos os pretendentes de Penélope, “Ulisses parecia um leão que tivesse acabado de matar um boi no campo, todo borrifado de sangue, da cabeça aos pés. A velha começou a dar grandes demonstrações de alegria por ver mortos os inimigos do seu amo. Mas Ulisses pediu-lhe que se calasse, pois — disse ele — não era correto festejar a morte de pessoas. E pediu-lhe também que indicasse quais as escravas que haviam desrespeitado sua casa e sua esposa. Mandou chamar essas escravas e deu instruções a Telêmaco para que, ajudado por Eumeu e Filício e ainda pelas mulheres, tirassem os cadáveres da sala e limpassem tudo. Ordenou que depois as mulheres fossem levadas para fora e mortas, juntamente com Melântio.”  
O que você achou dessas atitudes extremas de Ulisses? Ele agiu com justiça?
-

Na primeira questão (*Quem rogou tamanha praga contra Ulisses? O que aconteceu para o herói grego ser alvo de tanta raiva*):

Polifemo, o ciclope	26 citações
Ulisses cegou o ciclope	19 citações
Ulisses conseguiu fugir da gruta	5 citações
Não sei, não lembro	5 citações
A ninfa Calipso	4 citações
O amor de Calipso não foi correspondido	4 citações
O povo se reuniu na acrópole	2 citações
Os pretendentes de Penélope	1 citação
Ulisses roubou as ovelhas	1 citação
Ulisses falou coisas e o ciclope não gostou	1 citação
Ulisses matara um inimigo devoto de outro deus	1 citação

Acredito que algumas dessas diferentes recordações possam ser agrupadas em blocos básicos da seguinte maneira:

Cegou o ciclope / Fugiu da gruta / Roubou as ovelhas / Falou coisas = 26 citações

Ou seja, o mesmo número de estudantes que lembrou de Polifemo fez alguma citação aos eventos corretamente relacionados ao ciclope.

Na segunda questão apresentada aos alunos da turma 72 (*Quem era Circe e quais eram as duas maldades que ela planejou contra Ulisses?*):

Feiticeira / maga	23 citações
Transformar Ulisses em porco / javali / animal	19 citações
Não sei, não lembro	14 citações
Levar Ulisses para o leito e fazer maldades	10 citações
Machucar Ulisses quando dormissem juntos	2 citações
Dar uma bebida mágica para Ulisses	1 citação

As duas primeiras informações mais lembradas pelos alunos estão corretamente relacionadas com quem era Circe e com a primeira das maldades. Essa era óbvia. A segunda, a castração de Ulisses quando ele estivesse indefeso, ficou tão discreta no texto de Ruth Rocha que nenhum dos leitores percebeu.

A terceira questão (*Qual o truque da rainha Penélope para ganhar tempo e adiar a escolha de um novo marido?*) parece ter sido a mais fácil de todas:

Bordar a manta do sogro de dia e desfazer à noite	29 citações
Não sei, não lembro	7 citações
Deixar os pretendentes ficar em sua casa	1 citação

A quarta também foi bastante simples (*Conte com suas palavras como foi o episódio de Ulisses com as sereias.*) e eles responderam com facilidade:

Os marinheiros taparam os ouvidos com cera	33 citações
Ulisses amarrado no mastro	31 citações
Ulisses queria ouvir o canto das sereias	26 citações
Não sei, não lembro	4 citações

A quinta questão, importantíssima, envolve a necessidade de cortar cenas e diálogos para resumir a trama e mesmo assim conseguir preservar a unidade de ação da narrativa (*Na página 24, Nestor dá um conselho a Telêmaco. Que conselho foi esse?*):

Não sei, não entendi	19 citações
Voltar para casa para não ter o fim de Agamenon	8 citações
Ir a Esparta encontrar o rei Menelau	6 citações
Voltar para sua casa logo	3 citações
Partir para procurar seu pai	1 citação

Era impossível a qualquer leitor entender qual era o conselho por causa do diálogo suprimido. A maioria reconheceu e admitiu que não dava para entender o alerta de Nestor a Telêmaco. Os outros alunos tentaram e responderam errado.

Como expliquei antes, a assassinato de Agamenon por Clitemnestra não tinha como assombrar Telêmaco. O conselho era para que o rapaz não deixasse a mãe muito tempo sozinha com os pretendentes, porque mesmo Penélope poderia acabar cedendo, como acontecera com a mulher de Agamenon.

É preciso atentar para o fato de que um corte profundo no enredo por motivos éticos ou morais é um procedimento totalmente distinto do corte para fins de resumo da história.

A sexta questão também é importantíssima para a integridade e coerência da adaptação de Ruth Rocha como unidade de ação (ser uma obra completa em si mesma). Trata-se de uma dúvida pertinente sobre o acerto de uma confluência de personagens, dois pretendentes, feita pela adaptadora. Os próprios leitores julgaram se ela foi apropriada ou não (*Ulisses, ainda disfarçado de mendigo, recomenda a Antínoo que vá embora, porque o dono da casa estava voltando e sua vingança contra os invasores seria tremenda. Como você explica esse ato de Ulisses? Antínoo merecia essa camaradagem?*):

Não sei explicar	17 citações
Antínoo não merecia a camaradagem	17 citações
Ulisses tinha raiva dele	6 citações
Ulisses queria dar uma chance ao invasor	4 citações
Foi um ato de lealdade	3 citações
Antínoo merecia tal camaradagem sim.	3 citações
Ulisses queria amedrontar os pretendentes	2 citações
Ulisses não queria que soubessem de sua volta	2 citações
Ulisses era amigo do pai dele	1 citação

Na sétima questão (*Qual era exatamente a prova proposta por Penélope? Você entendeu qual era o desafio de varar doze achas com uma só flecha?*):

Não sei a resposta	14 citações
Penélope sabia que só Ulisses conseguiria	8 citações
Penélope pretendia adiar o casamento de novo	8 citações
O verdadeiro desafio era empunhar o arco	7 citações
Com apenas 1 flecha atravessar as 12 achas	5 citações
Não entendi a prova	2 citações
Com 1 flecha acertar o centro de 12 achas	2 citações
Atirar 12 flechas contra um escudo	1 citação
Derrubar 12 achas com 1 só flecha	1 citação

Na oitava, (*Por que, apesar das dificuldades, Ulisses queria tanto voltar?*), os estudantes se saíram muito bem:

Amava sua esposa e seu filho	13 citações
Não sei responder	11 citações
Amava sua terra e sua mulher	5 citações
Amava sua família e sua terra	4 citações
Amava sua família	2 citações
Seria sempre mais feliz em Ítaca	1 citação
Amava sua família e sua casa	1 citação
Amava seu povo e sua esposa	1 citação
Retomar seu reino	1 citação

Nenhum aluno respondeu que Ulisses amava **exclusivamente** Penélope. Na recepção dos leitores, jamais Ulisses teve de fazer uma escolha entre mulheres (Penélope ou Circe, Penélope ou Calipso). Não. Nas variações sobre os mesmos temas, creio que se pode perceber a idéia plena de [casa/família/lar/terra]. Mesmo que fosse apenas para "retomar o reino", Ulisses tinha de voltar para o lugar a que ele pertencia. E ele sem sombra de dúvida pertencia a um lugar. Acredito que nossos jovens leitores entenderam que Ulisses é o herói do retorno, e aquele que tem um compromisso com a família.

Por fim, na nona questão, os nossos jovens leitores tiveram de fazer um julgamento moral sobre a maneira brutal, cruel, como o rei Ulisses lidou com a vil traição das escravas da casa e de Melântio (*O que você achou dessas atitudes extremas de Ulisses? Ele agiu com justiça?*):

Não sei o que dizer	10 citações
Ele agiu com justiça	7 citações
Ele estava certo, sim	4 citações
Exagerou	3 citações
Achei erradas, violência demais	2 citações
Drástica demais, não precisava matar	2 citações
Achei uma boa	1 citação
Tinha de matar quem o traiu	1 citação
Achei erradas, ele não era um bom líder	1 citação
Muito cruéis, apensar de justas e corretas	1 citação
Muito exterminadora. Punição sim, morte não	1 citação
Melhor era expulsar	1 citação
Não foi correto, mas foi justo	1 citação

Exagerado, devia prender	1 citação
Castigar severamente, sem matar	1 citação
Sanguinárias, mas houve justiça	1 citação
Radical, mas eficiente para a época	1 citação
Não, ele foi muito ruim	1 citação
Em parte justa, mas matar é errado	1 citação

As respostas dos alunos parecem um tanto quanto variadas, mas se forem agrupadas em blocos lógicos, teremos o seguinte placar final:

**Não sei o que dizer: 10 citações**

**Ulisses foi justo, a punição foi adequada: 13 citações**

Ele agiu com justiça	7 citações
Ele estava certo, sim	4 citações
Achei uma boa	1 citação
Tinha de matar quem o traiu	1 citação

**Ulisses foi mais ou menos justo, a punição foi tolerável: 6 citações**

Muito cruéis, apesar de justas e corretas	1 citação
Melhor era expulsar	1 citação
Não foi correto, mas foi justo	1 citação
Sanguinárias, mas houve justiça	1 citação
Radical, mas eficiente para a época	1 citação
Em parte justa, mas matar é errado	1 citação

**Ulisses não foi justo, a punição foi definitivamente errada: 12 citações**

Exagerou	3 citações
Achei erradas, violência demais	2 citações
Drástica demais, não precisava matar	2 citações
Achei erradas, ele não era um bom líder	1 citação
Muito exterminadora. Punição sim, morte não	1 citação
Exagerado, devia prender	1 citação
Castigar severamente, sem matar	1 citação
Não, ele foi muito ruim	1 citação

A maioria dos leitores (dezoito) concordou que matar é errado pela moral da atualidade e que não se pode castigar ninguém desta maneira. Apenas treze alunos deram apoio incondicional à ação de Ulisses.

### 7.3 COMPARANDO O LIVRO COM O FILME: O ALUNO É O CRÍTICO

Os alunos da turma 72 assistiram o filme *Ulisses* (Itália, 1953), de Mario Camerini, com Kirk Douglas no papel-título. Imediatamente após a exibição, eles preencheram o terceiro e último questionário da pesquisa de campo II. Foi pedido que registrassem as diferenças de enredo que notaram entre o filme e o livro. E também que fizessem um julgamento geral do filme assistido.

O objetivo de solicitar que julgassem o filme era poder confirmar que eles consideraram que se tratava de um bom filme e, portanto, um referencial válido para comparação com a adaptação lida.

A classificação geral do filme foi por múltipla escolha, mas a comparação direta entre filme e livro foi discursiva. Para interpretar as repostas dadas pelos alunos, repeti a estratégia de identificar os tópicos frequentes e então resumi-los a elementos de enredo.

Reproduzo a seguir o que foi pedido por escrito aos alunos da turma 72.

---

#### AGORA, VOCÊ É O CRÍTICO DE CINEMA!

#### ULISSES - Adaptação de "A Odisséia" para o cinema.

Seu nome: ..... Sua idade: .....

Você já leu a adaptação de Ruth Rocha para "A Odisséia" e assistiu ao filme "Ulisses". Comparando as duas versões, a literária e a cinematográfica, diga que diferenças percebeu entre elas. E sobre essas diferenças, quais você gostou? E quais você não gostou?

---

Agora, assinale qual bonequinho melhor representa sua avaliação do filme "Ulisses":

---

Agrupei tanto os elementos de enredo lembrados/citados pelos estudantes (diferenças observadas) como também os julgamentos de valor a respeito do livro ou do filme, incluindo até aquelas opiniões meio vagas:

Filme é muito resumido	19 citações
Filme é mais interessante	8 citações
Livro é mais interessante	5 citações
Gregos não fugiram da gruta agarrados nas ovelhas	5 citações
Os deuses não aparecem no filme	5 citações
Ulisses não teve filhos com a Circe	3 citações
Faltou a ninfa Calipso no filme	3 citações
O canto das sereias não era uma canção	2 citações
A viagem de Telêmaco não aconteceu	1 citação
Queria ter assistido <i>Tróia</i>	1 citação
Imaginei uma batalha final mais sangrenta	1 citação
Filme foi mais fácil de entender	1 citação
As escravas não foram mortas	1 citação

Embora não conste do formulário distribuído aos alunos, uma dúvida de última hora foi levantada por mim e respondida por eles à moda grega: livre manifestação oral, mas com certa disciplina. A dúvida era sobre a anacronia na estrutura narrativa da *Odisséia*, reproduzida no filme *Ulisses*.

Foi perguntado aos alunos, após a exibição do filme, se eles preferiam que a história fosse contada em ordem cronológica. A maioria absoluta, mais de vinte, disse que não. Algumas meninas disseram que Penélope ficaria "muito tempo sem fazer nada", "muito chata" ou "só bordando". Um dos garotos destacou que, sem o recurso do *flashback*, o público não saberia "para quem torcer" e que "torcer para Ulisses voltar é torcer por Penélope". Outro garoto entendeu que sem a anacronia, a amnésia de Ulisses ficaria sem sentido: a necessidade do personagem de lembrar quem era tinha de ser proporcional à vontade do público de saber a verdade sobre seu passado e seus feitos. Houve um evidente consenso de que o *flashback* era positivo e dava emoção e suspense às duas narrativas (o livro e o filme).

A dúvida sobre a anacronia foi motivada pelo fato de haver tantas adaptações que contam a *Odisséia* em ordem cronológica, desfazendo a estrutura de Homero. Creio que tal mudança é desnecessária, sem justificativa.

Que o filme é resumido em relação ao livro lido é evidente, os longos dez anos ficaram reduzidos a apenas três episódios, justamente os mais famosos: a fuga da caverna do Ciclope, o canto das sereias e os sortilégios de Circe.

Houve certo equilíbrio entre aqueles que destacaram o livro como mais interessante (cinco alunos) em relação aos que preferiram o filme (oito alunos), se considerarmos que a atual geração quase sempre se inclina a favor da linguagem cinematográfica.

Considero curioso que o fato de os gregos não terem fugido do Ciclope agarrados às barrigas das ovelhas tenha sido tão mencionado pelos alunos (parece que o estratagema tinha mesmo agradado aos leitores). Não é uma diferença tão importante, mas foi bem mais lembrada do que a viagem de Telêmaco (que não aconteceu) ou do que o castigo das escravas (que não foram mortas nem punidas).

Nenhum aluno mencionou que, no filme, é Cassandra em vez de Polifemo quem lança a maldição do não-retorno sobre Ulisses. Talvez porque, na versão cinematográfica, a maldição foi lançada em meio às chamas de Tróia, logo após o rei de Ítaca ter profanado o templo de Netuno. Devo admitir que esta mudança funciona bem dentro do roteiro.

Os deuses, os filhos de Ulisses com Circe, Calipso, a viagem de Telêmaco e o castigo das escravas são algumas ausências marcantes, constituem diferenças importantes entre livro e filme. Mesmo assim, poucos as mencionaram porque o roteiro de *Ulisses* é suficientemente bem resolvido como unidade de ação.

Que o canto das sereias fosse uma espécie de "chamado hipnótico" com as vozes de Penélope e Telêmaco é justificável pelas limitações objetivas do cinema. A literatura não conhece limite além da imaginação do leitor, mas o cinema tem de oferecer sons e imagens objetivos ao público. Quem está assistindo ao filme tem de escutar aquilo que Ulisses estava escutando...

Por fim, a classificação de *Ulisses* segundo a avaliação da turma 72 foi:

Bom	- Bonequinho assistindo sentado	17
Muito bom	- Bonequinho aplaudindo sentado	8
Fraco	- Bonequinho dormindo	4
Ótimo	- Bonequinho aplaudindo em pé	2
Ruim	- Bonequinho indo embora	1

## NOTAS DO CAPÍTULO 7

---

- <sup>1</sup> HOLANDA, p. 5 a 7.
- <sup>2</sup> LACERDA, p. 9.
- <sup>3</sup> DAVIDSON, p. 7.
- <sup>4</sup> LOBATO, p. 222.
- <sup>5</sup> HOMERO, tradução de Jaime Bruna, Cultrix, p. 101.
- <sup>6</sup> LOBATO, p. 252.
- <sup>7</sup> WAID.
- <sup>8</sup> HOMERO, Cultrix, p. 35.
- <sup>9</sup> DAVIDSON, p. 120.
- <sup>10</sup> SUTTER.
- <sup>11</sup> ROCHA, p.102.
- <sup>12</sup> ROCHA, p. 24.
- <sup>13</sup> HOMERO, Cultrix, p. 215.
- <sup>14</sup> ROCHA, p. 79.
- <sup>15</sup> ROCHA, p. 84.
- <sup>16</sup> ROCHA, p. 93.
- <sup>17</sup> HOMERO, Cultrix, p. 255.
- <sup>18</sup> HOMERO, Cultrix, p. 248.
- <sup>19</sup> HOMERO, Cultrix, p. 102.
- <sup>20</sup> ROCHA, p. 42.
- <sup>21</sup> ROCHA, p. 53.
- <sup>22</sup> BAL, p. 146 e 147.
- <sup>23</sup> HOMERO, Cultrix, p. 119.
- <sup>24</sup> HOMERO, Cultrix, p. 120.
- <sup>25</sup> ROCHA p.51
- <sup>26</sup> ROCHA p. 52.
- <sup>27</sup> ROCHA, p. 97.
- <sup>28</sup> HOMERO, Cultrix, p. 263 a 267.